

# Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim

Sergio Perazzo



*DESCANSEM EM PAZ OS NOSSOS MORTOS DENTRO DE MIM*  
Copyright © 1986, 1995, 2019 by Sergio Perazzo  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Santana**  
Imagem de capa: **Gerd Altmann por Pixabay**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

### **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

### **PRÉ-VERSO PERVERSO**

Tão certo quanto três  
mais quatro são sete  
e sete são as colinas  
em que Roma capital se fez,  
capitais e sete  
são os pecados cristãos.  
Igualmente sete e felinas  
são as léguas e as rotas,  
fôlegos, cartesianas cotas,  
alcance do Gato de Botas;  
e a outra medida,  
palmos sete,  
de subterrâneos grãos  
de terra, terra-mortalha,  
noite feita ao fim do dia,  
curto caminho de ida,  
passagem que este verso  
moroso corta  
e cruamente entalha  
na carne morta, carne fria,  
de tão penoso,  
de tão perverso.

# Sumário

<i>Prefácio – Dalmiro M. Bustos</i> . . . . .	9
<i>Introdução</i> . . . . .	15
1. Morte, destino humano: morte, ato espontâneo? . . . . .	21
2. O homem e a morte: esboço histórico. . . . .	33
3. A simbologia e a compreensão da morte. . . . .	49
4. Morte e separação, paixão e transferência. . . . .	61
5. Morte e sexualidade . . . . .	75
6. Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim. . . . .	107
<i>Apêndice 1 – A morte e os mortos dentro de mim</i> . . . . .	121
<i>Apêndice 2 – O médico e a morte</i> . . . . .	133
<i>Apêndice 3 – O segundo espaço mortuário</i> . . . . .	143
<i>Referências e notas</i> . . . . .	153

# Prefácio

*Dalmiro M. Bustos*

Nos últimos anos, a até então exígua bibliografia psicodramática foi enriquecida por uma série de trabalhos que se caracterizaram pelo seu alto grau de criatividade, juntamente com seu valor científico. Todos eles encerram o espírito moreniano, mesmo quando possam questionar alguns ou muitos de seus postulados. Creio que nunca li um livro sobre psicodrama, ou escrito por um psicodramatista, que me tenha aborrecido. Carecem do hermetismo que caracteriza outros enfoques, são de fácil leitura, mesmo que possa haver, certamente, uns mais ricos do que outros. Moreno insistia em enfrentar o trágico com calma, o sério com um sorriso, desterrando o solene.<sup>1</sup>

A sensualidade transita em todos os territórios. Mesmo no tratamento de temas que tenham a profundidade do que é tratado neste livro; nada menos que a morte. Para sorte do leitor, Sergio Perazzo é um excelente psicodramatista brasileiro que nos leva pela mão para refletir sobre a morte. Para fazê-lo, recorre ao diálogo ágil com o leitor, o interlocutor estando sempre presente, vivo, participante. Deixa que confluam suas experiências em uma síntese existencial, permitindo que Ingmar Bergman conviva com Freud, Moreno com Bob Fosse (que seguramente o encantou, assim como poderia ser Fellini), Poe com Drummond de Andrade. Junto deles aparecem seus pacientes e também seus próprios fantasmas. Sergio Perazzo pode abordar o tema porque está assistindo à própria maturidade, que é também aceitar fugazmente a própria morte. O poeta, o escritor, o médico, o filósofo (negado mas indubitavelmente presente) também se reúnem, e o resultado é altamente satisfatório.

Talvez me ocorra pensar, estimulado pela proposta vibrante do autor, que houve um convidado possível que faltou à reunião: o J. L. Moreno que

escreveu *As palavras do pai*.<sup>2</sup> Como o autor não o convidou, tomo a liberdade de fazê-lo — porque, nesse livro, Moreno nos comunica muitas de suas reflexões sobre a morte. Em suas páginas aparecem duas posturas diante da morte: uma, quando nos fala como Deus; outra, diferente, quando escreve suas preces. Entre as primeiras, uma das mais significativas é a seguinte:

*Eu disse: que exista o tempo,  
E o tempo existiu.  
Eu disse: que exista o nascimento,  
Um começo de vida,  
E cada ser começou a nascer.  
Eu disse: que exista morte,  
Um término de vida,  
E cada ser começou a morrer.*

Em outro poema, diz:

*Oh, ninguém voltará a amar de novo  
Na terra ou nas estrelas,  
Se eu não nasço.  
Oh, ninguém voltará a morrer  
novamente, na terra ou nas estrelas,  
Se eu não morro.*

Mais adiante, se rebela:

*Por que deve existir um menino tão querido  
em minha mão desnuda,  
se se há de morrer?*

A dialética inexorável, plena de confirmações indestrutíveis aparece claramente quando nos pergunta:

*Por acaso ouvi alguém dizer:  
Deus está morto?  
Como pode estar morto,  
Não havendo ainda nascido?  
Por acaso ouvi alguém dizer:  
Deus nasceu?  
Pois, como poderia eu nascer,  
Sendo ele Ser imortal?*

Nas preces, o tema é retomado com outro tom; ali aparece o ser humano Moreno:

*Oh, Deus, esta é minha prece:  
A morte há de me conduzir de novo a Ti.  
Mas contigo presente na morte,  
quem pode morrer jamais?*

Como esta, há muitas passagens que tratam de sua postura perante a morte. Só quero citar, finalmente, a que me parece a mais eloquente de todas:

*Oh, Deus, dá-me tempo  
Para orar com vigor.  
Dá-me tempo,  
Para cantar uma prece antes de morrer.  
Isto será muito rápido, eu sei.  
O doutor assim o disse,  
E a enfermeira o disse assim,  
Eu sinto a morte vir,  
Descendo da minha cabeça  
Até meu coração.  
Mas, antes que meu coração se detenha,  
Eu te agradeço,  
Pela vida maravilhosa que tu me deste para viver.*

*Pelas árvores,  
Que Tu plantaste  
Justamente em frente à minha casa,  
E pelo tempo,  
Com que Tu me presenteaste gratuitamente,  
Para esta prece.*

Essa prece foi escrita por Moreno quando ele tinha menos de 30 anos. Eu fui testemunha dos últimos dias de Moreno. Estive em Beacon uns meses antes e poucos dias depois de sua morte. Nos últimos tempos, ele esqueceu o inglês e só falava alemão. Houve rebeldia, aceitação, paz. O que Sergio Perazzo menciona no livro sobre os mitos da volta de Moreno em portas que se fecham e fantasmas noturnos nunca presenciei, embora seja muito possível, já que a vida dos homens famosos não lhes pertence, é continuamente reinventada por seus adeptos e inimigos. Estou certo de que ele teria se divertido muito com tudo isso.

Embora eu sem dúvida acredite que Moreno nos mostra a sua concepção da vida e da morte, cabe perguntar se não há em todo pensamento humano, independentemente do conteúdo, uma tentativa de negar a morte. José Donoso, um grande escritor chileno, formula esse pensamento, colocando-o na boca de um dos personagens de seu romance *A coroação*: “Mas, não vês que toda vida, toda obra, não importa em que campo, todo ato de amor não é mais que uma rebeldia contra a extinção, não importa que seja falsa ou verdadeira, que dê resultado ou não?”

Eu acrescentaria que as próprias bases da razão, que a raiz da lógica Aristotélica, têm por objeto negar a existência da morte, aprisioná-la, vencê-la. Fica então muito difícil tentar sua profunda compreensão a partir de um sistema montado para negá-la. Toda a cultura ocidental e cristã, com seus ritos, enterros, velórios, seus prantos e gritos, mesmo nas mortes mais esperadas, nos falam da incapacidade de sua aceitação.

O próprio carnaval, a festa mais colorida, criativa e vital que temos no Brasil, e certamente na maior parte do mundo, nasce na Idade Média, como uma fantasia de triunfo do homem diante da morte.



Quando, por ocasião da passagem do século, se faz a predição do fim do mundo e depois se comprova que isso não ocorre, mas que, sim, morre na hora assinalada para o fim geral um homem chamado Pierre, todo o povo se põe a festejar, seguindo o cortejo funerário. A morte tem, como era usual, uma máscara funerária branca, seguida pela mulher que cuidava dos nichos (colombas) e por um menino que anunciava o cortejo com múltiplas campainhas (guizos). A Comédia da Arte os resgata depois como Pierrô, Colombina, Polichinelo etc. (*carne valet*, o servente da morte).

Pessoalmente, beirando o meio século de vida, com minhas satisfações e frustrações, com minhas luzes e minhas sombras, me contento em fazer coro ao grande poeta Amado Nervo, que disse:

*Certo, aos meus viços vai se seguir o inverno,  
Mas Tu não disseste que maio seria eterno.  
Achei sem dúvida longas as noites de minhas penas  
Mas não me prometeste Tu só noites boas,  
E, por outro lado, tive algumas santamente serenas,  
Amei, fui amado, o sol acariciou minha face.  
Vida: nada me debes! Vida: estamos em Paz.*

La Plata, Argentina, 5 de abril de 1984.

# Introdução

## **SOBRE A VIDA**

É porque estou e porque sou profundamente ligado à vida que escrevo sobre a morte.

Escrever sobre a morte é de alguma forma poder confrontá-la, não sei se face a face, mas pelo menos de viés, embora sua verdadeira fisionomia esteja sempre de algum modo irremediavelmente encoberta. Talvez por esse motivo tanto tenho adiado o início deste livro. Afinal de contas, eu poderia mudar o tema. Não se trata, no entanto, de teimosia diante do mais humano e interrogativo desafio. Não foi por acaso que um dia escrevi sobre abandonos em um grupo de psicodrama. Sentimentos de abandono trouxeram-me por instantes, no plano da transferência, a vivência de estar morrendo, enfim, de vida e de amor irrecuperáveis. Houve um tempo muito depois que tais sensações puderam ficar razoavelmente separadas dentro de mim e integradas à compreensão de dores tão distantes quanto mal pressentidas, que tornavam o presente bem mais difícil de ser vivido e suportado. Nasceu daqui o meu desejo de escrever sobre a morte. E, como quase sempre acontece na prática das psicoterapias, pude prestar mais atenção ainda a quanto ela está presente explicitamente ou sob variados disfarces no processo psicoterápico das pessoas em seu cotidiano, interferindo de modo definitivo no desempenho de tantos papéis. Penso hoje que sua resolução é a vida em todas as suas possibilidades, presumível ou imponderavelmente incluindo até a probabilidade e a prova do sofrimento. Uma gestação começou daí e, em consequência, fiquei grávido de ideias que ganhavam corpo a cada dia e se recusavam a percorrer o caminho aparentemente curto que as separavam de um caderno de rascunho.

Uma noite sonhei com a insônia e acordei impulsionado para escrever de madrugada. E aqui está. Aqui estou. Talvez aqui, pelo menos um pouco, estejamos todos: o temor e o enfrentamento que leva a alguns a dúvida que formula o viver apenas como um delírio coletivo diante da única certeza comum ao ser humano, a sua finitude; e a outros a própria raiz e razão da plenitude de ser e do ser em cada momento, do que chamamos existir ou existência, verbo e substantivo a um só tempo uníssonos e simultâneos.

## CAMINHOS

Decantemos, a bem da clareza e da metodologia, o curso de meus tropeços, com a morte do plano deste livro. Total independência é, porém, inviável.

De minhas reminiscências, aos 4 anos, a morte de minha avó. O choro. Os gritos. A organização fúnebre das coisas. E eu saindo pela janela com medo de passar pela sala. Suas órbitas vazias me perseguem trinta e quatro anos depois em uma sessão de minha terapia. A imagem onírica dramatizada e meu sentimento real de pavor acabam me levando a afastá-la em cena — e, com ela, umas tantas paixões impossíveis, cujas marcas persistentes teimavam em se repetir.

A morte me vem como um filme. Tenho 8 anos e, com Tereza, um pouco mais velha, prima e irmã postiça, enterro pela primeira vez os meus mortos — um coelhinho branco da criação do quintal, numa caixa que fizemos de casca de palmito amarrada com barbante, no jardim da casa. Nem uma lágrima. Travessura divertida partilhada com risos por toda a família.

Vinte e cinco anos depois estou só num quarto de hospital com Tereza. Nem uma palavra é dita. Apenas nos olhamos de mãos dadas. Em São Paulo somos os únicos parentes um do outro, com exceção de seu marido e filhos. Tinham aqui se fixado havia menos de um ano. Um gânglio, a biópsia, a cirurgia e o câncer inoperável. Volto para casa e me deito, peito nu, na noite quente de verão. Acordo em plena madrugada assustado e batendo queixo de tanto frio. Tenho certeza de que a noite é quente. Apanho um cobertor, cubro meu corpo, e o meu medo e o frio

não passam. Passa, isso sim, um pensamento: “Tereza morreu”. Uma quase certeza. Não é sonho. Viro para o outro lado e durmo. Acordo com o telefone pela manhã. Sou informado de que sua morte ocorreria aproximadamente àquela hora. Nunca tivera outras vezes sensações sequer parecidas e tão assustadoras. A morte como que me avisava.

Multidões silenciosas passaram três vezes às minhas vistas, quase na minha porta no Rio de Janeiro da minha infância e eu não quis vê-las. Acompanhavam os funerais de Carmen Miranda, de Francisco Alves, cujas vozes eu ouvia nos programas da Rádio Nacional, e de Getúlio Vargas, quase meu vizinho no Palácio do Catete. Eu sentia a multidão, ouvia os passos e não sabia que participava da História. Eu temia intensamente a morte. E havia no ar certa morte coletiva.

Aos 12 anos fui forçado a comparecer a meu primeiro enterro real. Aos anteriores os adultos apenas me ameaçavam: “Vou levar você para beijar o pé do defunto e só assim o medo passa”. Eu ficava paralisado. E, além de acreditar que eles seriam até capazes de me forçar a tal, sentia-me também envergonhado por ter medo, humilhado mesmo. Mas naqueles doze anos em que conjuguei o verbo evitar, entra em minha sala de aula um padre e me escolhe junto com outros quatro, justo eu, para representar o colégio no velório do diretor de outra escola. Como iria eu admitir para os meus pares o meu terror? Fui. Impassível. Fingindo a maior naturalidade. E não senti medo. Ou ele estava escondido demais. Essa morte, pelo contrário, encheu-me de alegria, porque acreditei ter perdido o medo. No dia seguinte, comecei pela primeira vez a considerar a hipótese de vir a ser médico — meu esforço de superação da morte.

Secretamente, antes do início das aulas, logo após meu ingresso na faculdade, fui sozinho até o anfiteatro de Anatomia para verificar o estado do medo.

Já formado, depois de passar por tantos números do circo de horrores da profissão, em hospitais e prontos-socorros (antes de psiquiatria fui clínico), estava eu de plantão e tive de atravessar um corredor escuro para constatar um óbito. O mesmo sentimento de terror infantil se apossou de mim no trajeto e só cessou quando fechei os olhos vítreos do morto.

O Drama começa, portanto, em mim. Estou diversas vezes diante da morte e, através dela, desenvolvo até alguns papéis, exorcizando fantasmas antigos, os meus e os dos outros. Observo a mim mesmo como num espelho, um pouco mais distanciado, o que me permite tomar o papel de meus clientes e redescobrir sob esse prisma da morte a nossa essência humana comum. É por essa razão que inicio as minhas reflexões pensando na morte como o destino humano. Tais reflexões acabaram me levando a questionar a espontaneidade do ato de morrer.

O leitor talvez estranhe, nesta primeira parte do livro, que diante de tal tema haja pouca ou nenhuma referência ao pensamento filosófico, que certamente muito o enriqueceria. Para mim é uma questão de manejo. Não posso mover-me na filosofia com o mesmo relativo conforto com que me movimento na área específica das psicoterapias e particularmente do psicodrama, onde ainda hoje muitas vezes me debato. Tenho mesmo certa má vontade perante a inundação de psicologismos nas diversas áreas não específicas das Ciências Humanas e das Artes. Com a intenção de ilustrar melhor os seus estudos, tanto professores de literatura quanto artistas e sociólogos cometem pequenos e grandes atentados — sem perceber que assim o fazem — contra os princípios mais rudimentares da psicologia e das psicoterapias, que em nada os dignifica. Assim, por não estar afeito à mecânica e à funcionalidade da metodologia e ao discorrer filosófico, não quero repetir o mesmo erro “praticando” uma filosofia silvestre. É uma questão de bem entender o seu ofício. Um marceneiro sabe muito bem onde serrar a madeira e onde pregar o prego. Eu mal entendo de serrotes.

O esforço de entender a atitude do homem diante da morte, a partir do que eu observava na sala de psicodrama, acabou me levando a estudá-la na História. A economia de referências à morte na literatura sobre psicodrama, uma quase ausência, encaminhou meu interesse para outras fontes. Salvo pequenas alusões em Bouquet, Pavlovsky e Naffah Neto e uma breve leitura lacanianiana, mais que psicodramática, de Lemoine, mais voltada para aspectos do complexo de Édipo, nada encontrei sobre o tema entre os psicodramatistas. Por essa razão e porque em reportagem sobre a morte, no jornal *O Estado de S. Paulo*, em fins de 1982, li a afirmação

baseada em depoimentos de psicoterapeutas, parcialmente transcritos, em que se dizia da raridade da abordagem do tema nas salas de psicoterapia, fiz questão, porque é diferente a minha experiência pessoal, de exemplificar abundantemente, talvez até inflacionando com isso este livro, minhas considerações, com muitos fragmentos de sessões de psicodrama. Quis com isso chamar a atenção não só para a oportunidade da temática como também para a sua evocação cotidiana na vida profissional de um psicodramatista, o que torna inexplicável a sua lacuna no psicodrama.

A correlação entre o esboço histórico e o presente vivido no cenário psicodramático acabou desembocando na necessidade de entender a simbologia e a compreensão da morte, que vêm a se constituir no capítulo seguinte, sem o que não seria possível avançar em nenhuma conceituação à luz da teoria do psicodrama.

Nos Capítulos 4 e 5 trato do intercruzamento da morte com separação, paixão e sexualidade, o que me obrigou a rever diversos pontos obscuros e controversos do psicodrama, quais sejam, transferência, papéis, cacho de papéis, foco, catarse de integração e, mais particularmente, o que se convencionou chamar de “papéis sexuais” e seu desenvolvimento. Tais reflexões convergem para o capítulo final, que, mais que conclusões, pretende levantar questionamentos, num trabalho que eu desejaria estar sempre em aberto, porque sei não poder jamais ser considerado acabado e definitivo.

Quero destacar, por fim, a importância das contribuições dos psicodramatistas brasileiros em meus estudos, dos quais me utilizei inúmeras vezes para a elaboração deste livro. Vários deles, pertencentes como eu à Sociedade de Psicodrama de São Paulo e a outras instituições formadoras de psicodramatistas, escreveram monografias em que reфирaram muitos conceitos morenianos pouco claros e criaram outros, com isso muito me auxiliando a compor com mais esta peça o imenso mosaico incompleto do psicodrama criado por Moreno.

\* \* \*

Nota: acrescentei ao fim do livro, a título de apêndice, três conferências posteriores, que preferi manter tal qual as escrevi para manter sua unidade.

# 1. Morte, destino humano: morte, ato espontâneo?

— Hoje eu quero conversar com você sobre a morte. — Assim me fala Beatriz no primeiro minuto da sessão.

Preciso, Beatriz, para melhor vê-la, descer primeiro ao inferno, como Dante, para chegar ao céu do encontro. E, como Moreno, olhar bem nos seus olhos, que me parecem agora um quadro de Escher — olhos cujas pupilas são representadas por caveiras. Nenhum vaticínio, apenas neles o meu próprio reflexo. A morte, Beatriz, nós o sabemos, está presente como destino no fundo de todos nós e, neste momento, se eu a negasse em mim, não poderia me aproximar de você e de suas indagações com minhas próprias indagações.

Fosse eu Brás Cubas e este trabalho minhas memórias póstumas, talvez eu pudesse lhe adiantar algo de concreto. A morte que para nós existe visível é a do outro, e nós, homens, somos eternos inconformados, pois, como diz uma crônica do Verissimo, “o que nós não podemos conceber é não ter memória da nossa morte... Passamos a vida inteira nos preparando para a nossa morte, e quando ela vem, não podemos assisti-la”.

Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, Beatriz, apesar de tudo, morrerão na Terra, este ano, 70 milhões de seus 4,1 bilhões de habitantes. E isso se não forem disparados contra nós esses milhares de artefatos bélicos, das Exocets da vida, que já fizeram sua triste estreia nas Malvinas, à requintada bomba de nêutrons, que destrói o ser humano preservando o inanimado. Diante de tal evidência, não há como negar a morte e bem fazemos nós em discuti-la.

“No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30 da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo.”<sup>3</sup> De nada